



MUSICOTERAPIA COMO MODALIDADE TERAPÊUTICA COMPLEMENTAR PARA USUÁRIOS EM SITUAÇÃO DE SOFRIMENTO PSÍQUICO

MUSIC THERAPY AS AN ADDITIONAL THERAPEUTIC MODALITY FOR USERS IN SITUATION OF PSYCHIC SUFFERING

MUSICOTERAPIA COMO UNA MODALIDAD TERAPÉUTICA ADICIONAL PARA USUARIOS EN SITUACIÓN DE SUFRIMIENTO PSÍQUICO

Liliane Alves de Freitas¹, Elisângela Braga de Azevedo², Lorena de Farias Pimentel Costa³, Renata Cavalcanti Cordeiro⁴, Geane Silva⁵, Maria de Oliveira Ferreira Filha⁶

RESUMO

Objetivo: identificar a eficácia da musicoterapia como modalidade terapêutica complementar para os usuários em situação de sofrimento psíquico. **Método:** estudo exploratório, descritivo e qualitativo, realizado no Centro de Atenção Psicossocial do de Campina Grande/PB/Brasil, com dois usuários integrantes da “Banda Doidos por Forró” e três familiares. O material empírico foi analisado de acordo com a Análise de conteúdo, após a aprovação do projeto de pesquisa, protocolo nº 0085.0.405.000-11. **Resultados:** tanto os usuários quanto os familiares acreditam que a música tenha influenciado e melhorado a qualidade de vida, a autonomia e a autoestima dos usuários, proporcionando de forma positiva a inclusão deles nos espaços comunitários, bem como, a interação familiar. **Conclusão:** percebeu-se que práticas de cuidados inovadoras são essenciais na contemporaneidade e tais iniciativas, têm melhorado de forma satisfatória a qualidade de vida dos usuários e promovido avanços na atenção psicossocial. **Descritores:** Saúde Mental; Musicoterapia; Serviços de Saúde Mental.

ABSTRACT

Objective: to identify the effectiveness of music therapy as a complementary treatment modality for users in psychological distress. **Method:** exploratory, descriptive and qualitative research at the Center for Psychosocial Care of Campina Grande/PB/Brazil, with two users of the group “Band Crazy for Forró” and three family members. The empirical material was analyzed according to content analysis, following approval of the research project, Protocol nº 0085.0.405.000-11. **Results:** both users and the family believe that music has influenced and improved the quality of life, autonomy and self-esteem of users, providing positively their inclusion in community spaces, as well as family interaction. **Conclusion:** it was realized that innovative care practices are essential in contemporary and such initiatives have improved satisfactorily the quality of life of users and promoted advances in psychosocial care. **Descriptors:** Mental Health; Music Therapy; Mental Health Services.

RESUMEN

Objetivo: determinar la efectividad de la musicoterapia como una modalidad de tratamiento complementario para los usuarios de los trastornos psicológicos. **Método:** estudio exploratorio, descriptivo y cualitativo en el Centro de Atención Psicossocial de Campina Grande/Paraíba/Brasil, con dos miembros de la los usuarios de “Algo pasa con Banda Forro” y tres miembros de la familia. El material empírico fue analizado mediante análisis de contenido, a raíz de la aprobación del proyecto de investigación, el Protocolo nº 0085.0.405.000-11. **Resultados:** los usuarios y los familiares creen que la música ha influenciado y ha mejorado la calidad de vida, la autonomía y la autoestima de los usuarios, proporcionando positivamente su inclusión en los espacios comunitarios, así como la interacción familiar. **Conclusión:** se dio cuenta de que las prácticas de cuidado innovadoras son esenciales en las iniciativas actuales y como han mejorado satisfactoriamente la calidad de vida de los usuarios y los avances promovidos en la atención psicossocial. **Descritores:** Salud Mental; Terapia Musical; Servicios de Salud Mental.

¹Enfermeira, Faculdade de Ciências Médicas, Campina Grande (PB) Brasil. E-mail: lilianealvesdefreitas@hotmail.com; ²Enfermeira, Doutoranda em Enfermagem, Programa de Pós-Graduação/Universidade Federal da Paraíba/PPGENF/UFPB. Professora, Faculdade de Ciências Médicas de Campina Grande-PB Campina Grande (PB) Brasil. E-mail: elisaaaz@terra.com.br; ³Enfermeira, Mestranda em Enfermagem, Programa de Pós-Graduação/Universidade Federal da Paraíba/PPGENF/UFPB. João Pessoa (PB), Brasil. E-mail: lorenafarias@outlook.com; ⁴Enfermeira, Mestranda em Enfermagem, Programa de Pós-Graduação/Universidade Federal da Paraíba/PPGENF/UFPB. João Pessoa (PB), Brasil. E-mail: renata_cc@hotmail.com; ⁵Acadêmica de Enfermagem, Faculdade de Ciência Médicas de Campina Grande - PB. Campina Grande (PB) Brasil. E-mail: geanearts@hotmail.com; ⁶Enfermeira, Professora Doutora em Enfermagem, Universidade Federal da Paraíba/UFPB. E-mail: marfilha@yahoo.com

INTRODUÇÃO

Durante longos anos, as pessoas portadoras de sofrimento psíquico no Brasil, tiveram sua trajetória marcada por maus tratos, violência, discriminação e estigma social, ao qual os levaram à exclusão social e ao tratamento restrito ao hospital psiquiátrico, provocando perda de identidade e dignidade.

O Movimento da Reforma Psiquiátrica na década de 1970 possibilitou a construção de uma política de saúde mental no país, cujo foco foi a reformulação e reorganização da saúde mental, trazendo humanização no tratamento dos usuários, proporcionada com a desinstitucionalização dos loucos internos em hospitais psiquiátricos.¹

Durante as décadas de 1980 e 1990, o país passou por transformações no modelo hospitalocêntrico vigente, fazendo emergir novos objetivos em relação ao cuidado, com isso, passou-se a valorizar a reinserção social e reabilitação, pautados nos direitos humanos e exercício pleno da cidadania, em concordância à elaboração de políticas públicas e serviços voltados para o novo modelo de cuidado ao doente mental, chamado agora, atenção psicossocial.²

Frente as discussões sobre este novo modelo de cuidado direcionado a pessoa em situação de sofrimento psíquico, a expansão das redes de serviços substitutivos de cuidado à saúde, a exemplo dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), que representa a principal estratégia de Saúde Mental apoiadas pelo Ministério da Saúde.³

O CAPS caracteriza-se como um dispositivo de cuidado de referência no tocante ao tratamento das pessoas em situação de sofrimento psíquico, o qual é dimensionado de acordo com porte/complexidade da população atendida do município, e funciona como porta de entrada do usuário aos serviços de saúde mental. Nele, é prestado cuidado diário e contínuo, em busca da reinserção dos usuários através de atividades de lazer, exercícios dos direitos civis e promoção de laços sociais afetivos e familiares.⁴

Este dispositivo proporciona diferentes tipos de atividades terapêuticas, com intuito de abordar o usuário em sua integralidade do cuidado, estendendo o tratamento para além do uso de psicofármacos. Para isso, tem como ideal construir diversas práticas dentro da atenção psicossocial que sejam capazes de promover mudanças nas formas tradicionais de compreensão e de tratamento dos diversos tipos de transtornos mentais.

As atividades terapêuticas oferecidas

podem ser realizadas em grupos, ou individuais, atividades artísticas, orientações e acompanhamento com relação ao uso de medicamentos, atendimento domiciliar e aos familiares, além da realização de oficinas terapêuticas⁴, dentre elas, na atualidade, destaca-se o exercício da musicoterapia.

Foi com esse entendimento, que os profissionais e os usuários que participavam das oficinas de música do CAPS II do município de Campina Grande/PB/Brasil, resolveram formar a banda de forró, denominada pelos usuários de “Doidos por Forró”. Tal banda é composta por três usuários em situação de sofrimento psíquico, e um profissional que conduz as oficinas e ensaios com os mesmos no serviço.

O estudo realizado em 2010 em Cascavel-PR revelou que a música é eficaz como modalidade complementar na saúde mental e tem facilitado a relação com o usuário e a sociedade, proporcionando, sensação de bem-estar, sensação de paz e aceitação. Por sua vez, foi visto que o profissional de enfermagem, baseado na humanização do cuidado, vem contribuindo para que essas terapias recebam maior atenção e que esses usuários tenham uma melhor qualidade de vida.⁵

Assim, visualiza-se que a utilização da música como recurso terapêutico trata-se de uma tecnologia leve de cuidado, utilizada nos últimos anos pelos profissionais que atuam na saúde mental, de forma positiva e inovadora. Isto porque, tal prática⁵ leva a minimização das crises dos portadores de transtornos psíquicos, capaz de incluir os usuários na sociedade, tornando-os aptos a apreciar a vida e buscarem uma estabilização de sua doença.

Desse modo, a musicoterapia é uma terapêutica que não apenas oferece humanização em determinados cuidados em saúde, mas ao mesmo tempo contribui para o alívio da dor, tratamentos de distúrbios psicossomáticos, físicos e espirituais. Para adeptos da musicoterapia, evidencia-se uma sensação de paz, alegria, alívio, descontração e bem-estar.⁶

Nessa perspectiva, a música auxilia no tratamento dos pacientes, tornando as limitações da doença mais amenas e mais simples de serem superadas, além de trabalhar a estimulação da autonomia, a autoestima e a confissão dos anseios e emoções⁶.

Portanto, partiu-se do seguinte questionamento: a musicoterapia tem sido uma modalidade terapêutica complementar para usuários em situação de sofrimento

psíquico? Assim, este estudo teve como objetivo identificar a eficácia da musicoterapia como modalidade terapêutica complementar para os usuários em situação de sofrimento psíquico.

MÉTODO

Estudo exploratório, descritivo de abordagem qualitativa, realizado em um CAPS do município de Campina Grande/PB/Brasil, no período de outubro de 2011, com os integrantes da banda denominada “Doidos por Forró”, tendo sua amostra sido composta por dois usuários participantes da banda e três familiares destes. O tamanho da amostra justifica-se, uma vez que, o número de participantes da banda se constitui apenas de três usuários e, nesse caso, um dos participantes não foi localizado pelo pesquisador no período da pesquisa.

Como critérios de inclusão, para os usuários foram utilizados: 1) estar cadastrado no CAPS e ser participante da “banda doidos por forró” há pelo menos 6 meses; 2) ser maior de 18 anos de idade; 3) estar em condições psíquicas para responder à entrevista; 4) aceitar participar da pesquisa de forma voluntária

No caso dos familiares, os critérios foram: 1) Ser familiar do participante da banda e que estes tivessem contato com o usuário antes, e durante sua participação na banda “Doidos por forró”; 2) ser maior de 18 anos; 3) aceitaram participar da pesquisa voluntariamente.

Como instrumento de coleta do material empírico foi utilizado um roteiro de entrevista semiestruturada, coletada através do uso de um aparelho de Mídia Player (MP3).

Após a apresentação dos objetivos da pesquisa, do método de produção do material empírico, dos aspectos éticos e diante do aceite verbal dos sujeitos, foi-lhes entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, para leitura e assinatura. Deu-se início, então, a coleta do material empírico, a partir da realização das entrevistas semiestruturadas de caráter individual. Estas foram gravadas e transcritas na íntegra.

As entrevistas receberam uma numeração, para que fossem identificadas e para que se pudesse trabalhar de maneira mais organizada e sistematizada. Os usuários foram identificados pela letra U, e o familiar pela letra F, seguido do número da entrevista.

O material empírico foi analisado através da análise do conteúdo do tipo categorial temático proposta por Bardin⁷. O mesmo foi apresentado em forma de categorias e subcategorias temáticas e coletado após a

obtenção de parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Centro de Ensino Superior e Desenvolvimento (CEP/CESED), obedecendo aos preceitos da Resolução do Conselho Nacional de Saúde n.º196/96, tendo sido aprovado em 30/09/2011, sob o protocolo nº 0085.0.405.000-11.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Frente às mudanças na forma de cuidado aos portadores de sofrimento psíquico devido à Reforma Psiquiátrica, os CAPS utilizam estratégias de enfrentamento e reinserção social por meio da criação e execução de oficinas terapêuticas, esta é a principal forma de tratamento oferecido pelo serviço substitutivo, que torna-se um importante dispositivo clínico para auxílio à equipe multiprofissional na execução do tratamento.⁸

Tendo em vista a importância desta modalidade terapêutica e com intuito de responder aos objetivos propostos, foi possível perceber que a musicoterapia representa um novo modelo de cuidado aos usuários que apresentam algum tipo de sofrimento psíquico. Tal prática tem ajudado no que diz respeito à interação, à reintegração social, resgatando a autonomia, autoestima e a melhoria do bem-estar físico e mental. Assim, fez-se necessária a construção de categorias para melhor se trabalhar a temática.

• Musicoterapia como instrumento de cuidado e de resgate da autoestima e autonomia

A música tem poder de proporcionar reações emocionais no indivíduo que refletem na melhora aos acometimentos biológicos com reflexo intenso nas reações psicológicas, proporcionando, aumento significativo na qualidade de vida e promoção de vínculos de sociabilidade.⁹

Esta, tem se inserido como um dos principais aspectos da arte, contribuindo decisivamente no processo de cuidar, visto que a mistura de ritmos e sons proporciona o bem-estar, a dignidade, autoestima, autonomia e reintegração social do indivíduo.⁴

A partir dessa categoria temática, emergiram duas subcategorias, as quais se descrevem:

• Melhoria da Autoestima

Não se pode negar que a autoestima tem relevância indispensável para a qualidade de vida, considerando que ela é um dos principais construtores da personalidade humana, pois serve como estimulante para que as pessoas

realizem suas atividades, tanto pessoais como sociais.

A autoestima é considerada como a forma que o indivíduo se enxerga frente a si mesmo ou aos outros, e consequentemente, interfere de forma positiva ou negativa na forma em que a pessoa lida com o ambiente e as dificuldades que este ambiente possa proporcionar, deste modo, tem relação íntima com a saúde mental e estado de bem-estar psicológico e social.¹⁰

Dessa forma, as falas dos usuários e familiares revelaram que a exposição à música foi avaliada como instrumento de cuidado e como facilitadora da relação entre terapeuta-usuário. Percebeu-se que esta possibilitou estimular os usuários a se expressar, comunicar, como se pode constatar nas falas abaixo:

A banda é boa, muito boa. Eu toco em todo lugar que me chamar. A importância da banda é, é... eu gosto de tocar. [...] Me ajuda muito, eu canto também, de vez em quando dentro de casa, na escola assim, ligo o radinho, [...], boto [música] pé de serra dentro do quarto do meu pai, eu gosto de forró, rapaz! (U.01).

A minha vida mudou, eu só gosto de forró pra mim, toco forró, aquelas músicas, num é?(U.01).

Eu achava bom, que chegava lá tava todo mundo tocando, aquele pessoal dançando [...], animado e ele animado tocando. (F.02).

Pra mim eu adorava, ele era mais alegre, achava ele interessado, ele chegava lá em casa, saía daqui vestido com aquelas roupas que eles davam, que eram as fardas, e ele dizia que ia passar na televisão. Ele ficava cheio de orgulho [...] (F.03).

Mudou pra melhor, eu acho que o trabalho [do CAPS ocorre] com muita alegria [...], porque eu acredito pela forma que ele é. Antes ele era parado, aí depois encontrou aquela alegria (F.03).

[...] pra ele é maravilhoso, é uma coisa que ele adora, ele gosta de estar lá, se ele pudesse, ele saía de manhã. É que eu não deixo, digo “não, lá é só à tarde, você só começa a fazer suas oficinas de duas horas”. (F.01).

De acordo com as falas acima, identificou-se que o envolvimento dos usuários com a música, tem ajudado no desenvolvimento da sua autonomia e do sentimento de pertença social, pois através da realização desta atividade os usuários se sentem úteis e isso tem possibilitado e aumentado da autoestima.

Esta, tem sido elevada através da expressão musical, e também, tem auxiliado para o equilíbrio emocional do indivíduo, permitindo ao mesmo a vivência de momentos

agradáveis e descontraídos, o que favorece a minimização dos efeitos deletérios da doença.¹¹

Contudo, Bergold e Alvim¹² acreditam que a escuta das músicas que se relacionam ao cotidiano traz aos usuários a lembrança positiva, fazendo-os esquecer dos pensamentos negativos, evitando situações que se relacionam à ansiedade.

Com isso, percebeu-se que a inclusão da música, enquanto modalidade terapêutica dos CAPS, e como expressão artística, vem se tornando um meio seguro de cuidado, demonstrando seu grande potencial de promover o relaxamento e o equilíbrio do corpo e da mente, por atuar como uma tecnologia leve de cuidado efetiva.

• Melhoria da autonomia

As terapias alternativas obtiveram destaque a nível nacional, por volta dos anos de 1970, e desde então, tem-se observado no Brasil um crescente número de adeptos ao processo de tratamento com métodos naturais propostos pelas terapias alternativas.¹³

Sendo assim, novas alternativas de projetos terapêutico no tocante a saúde mental envolvem diretamente a música e acreditam no seu poder como transmissor de sentimentos e facilitador da expressividade, promovendo autonomia e liberdade.¹⁴

Neste contexto, desatacamos os benefícios que a música proporciona frente às necessidades integrais do ser humano, nos aspectos físicos, psicoemocionais, cognitivos e sociais¹⁵, o que mostra a fala a seguir:

Sempre [...] quando tem estreia de banda, vamos tocar em tal lugar, ele fica tão empolgado. Olhe, ele acorda cedinho, ele toma banho, se ajeita, fica toda hora: já tá na hora? Eu já posso ir? Olhe, tem que ter cuidado se não vou perder, ele fica [...] muito ansioso, [...] ele se preocupa muito em não perder sua participação, é isso que vejo. (F.01).

Corroborando com esse achado, Zimbarg⁶ revela que a musicoterapia vem sendo utilizada para recuperar as funções e desenvolver os potenciais do usuário, assim como melhora a integração pessoal, familiar e social e, consequentemente, a qualidade de vida e autonomia desses usuários.

O familiar entrevistado revelou que a participação dos usuários na banda “Doidos por Forró” fortaleceu o vínculo entre eles, tendo em vista, este ser um fator que proporcionou oportunidade de expressar seus sentimentos, de falar, tocar e de ser escutado, despertando, de certa forma, sua própria autonomia.

Durante as entrevistas, a pesquisadora perceber que cada momento torna-se marcado por suas diferenças e afinidades, sejam elas na atividade de tocar ou nas escolhas de seus instrumentos preferidos, de escolher as músicas que o grupo gostaria de tocar e de ouvir, cantar sua canção preferida, de dançar. O fato de todos os usuários ficarem sempre juntos faz da música um poderoso instrumento de interação social, um instrumento de valorização, possibilitando, assim, um melhor convívio e respeito mútuos.

• Musicoterapia como possibilitadora da inclusão social dos usuários

A música vem sendo utilizada como terapia complementar à inúmeros acometimentos patológicos, a exemplos dos transtornos mentais. Este tipo de alternativa não medicamentosa tem relação direta com a forma de visão integral do usuário, com intuito de promoção de assistência de forma holística, que permita atender todas as suas necessidades, de modo que, seus desejos e angústias sejam expressos e este esteja apto ao convívio social.¹⁶

Dessa forma, os entrevistados revelam abaixo como essa inclusão social tem ocorrido:

Foi a TV Paraíba que filmou a gente pra passar na televisão (U.01)

Quando chama a gente, a gente vai na hora que você marcar o dia, eu já tô lá, eu toco em qualquer canto que chamar a gente, a gente toca, a banda é muito boa, interessante, muito bom.(U.01)

A banda! Era eu e mais dois, aí eu parei. Na época do São João tocamos, [...] mas eu acho bom. Eu só tocava, quem cantava era o outro. Tonto, meio tonto, mas gostava de tocar. (U.02).

Às vezes ia lá pra UCES [União Campinense das Equipes Sociais]. [ele dizia:] Olhe, eu vou tocar lá hoje! Naquele lugar onde você participa! E a gente sentia que ele era uma pessoa mais feliz [...] porque ele tinha aquela responsabilidade de ir e ele se sentia importante (F.03).

Eles gostavam de participar, gostam de sair, de fazer apresentação, é tanto que eles nem se envergonham de dizer de tá na televisão. Ele sentia um prazer (F.03).

Percebe-se nas falas acima, o quanto os usuários se sentem importantes por fazerem parte da “Banda Doidos por Forró”, pois através dela eles têm se inseridos nos espaços sociais, devido ao fato que naquele momento sua imagem não estar vinculada ao transtorno mental, o que tem contribuído para a inclusão social destes como pessoas produtivas e, assim, possibilitando a construção de relações

interpessoais, melhorando seu convívio na sociedade e no ambiente familiar.

Estas práticas terapêuticas diferenciadas têm contribuído para a inclusão social e fortalecimento da rede de saúde mental, devido ao seu caráter interdisciplinar, o qual segue o que propõe as diretrizes da Reforma Psiquiátrica, tornando o portador de sofrimento psíquico protagonista do seu tratamento, através da assistência de qualidade prestada pelos profissionais do serviço, que os assiste de maneira integral ao utilizar recursos simples da comunidade como estratégias terapêuticas eficazes.¹⁷

A composição do grupo tinha como foco principal estabelecer um vínculo entre os usuários, família e comunidade, visando reinserção social. Assim, foi possível perceber que os usuários que fazem parte da banda passaram por uma reflexão sobre sua vivência, aumentando sua autonomia e sua cidadania ao serem reconhecidos com uma nova identidade, a de músicos, estabelecendo, com isso, um novo padrão de vida e trocas nas redes sociais, no domicílio e no meio em que vivem.

Visualiza-se que, a musicoterapia possibilitou a esses usuários a participação nas atividades voltadas para a rede social, independente da cor, raça, etnia ou limitação de cada usuário, trazendo o desejo pela vida, tornando-os capazes de se reintegrarem na sociedade de forma digna e humana.

• Musicoterapia como promotora da melhoria da interação familiar

A ênfase do modelo atual de cuidado à saúde mental e ao portador de sofrimento psíquico vem, em sua essência, promovendo o tratamento do usuário corresponsabilizando os familiares e estimulando o bom convívio entre eles, o que por sua vez, evita a exclusão e o isolamento.¹⁸

Na busca da aproximação entre o portador de sofrimento psíquico e a família, a música utilizada como modalidade terapêutica complementar, facilitou a interação entre usuários e familiares, proporcionando o início da integração entre os mesmos. Essa prática promove sensação de bem-estar e tem servido, também, como ato eficiente e protetor da saúde mental destes fazendo emergir a sensação de paz e aceitação. As falas abaixo reforçam essa discussão:

Ajudou muito, ele ia pra lá, fazia a oficina e o exercício, dizia “hoje foi divertido”, às vezes os familiares eram convidados pra ir, aí eu ia ver eles lá. (F.02).

Olha, ele fica tão feliz, [...], ele se empolgava tanto nessa banda que me deixa feliz também. Eu fico feliz em ele estar

feliz, só fala nela [na banda] doidos por forró. Olhe, ele adora! (F.01).

As falas acima expõem o sentimento de realização advindo da participação na banda de música, o que tem influenciado na interação familiar, pois a progressão do usuário é percebida pela família, a qual enxerga o potencial destes e passa valorizá-los mais, estimulando-os e auxiliando-os, mesmo que inconscientemente, no resgate de sua identidade, e assim, reintegrando-os de maneira digna ao meio em que vivem.

A família é uma instituição social que vem tendo sua estrutura modificada através da história, que, embora, haja possíveis conflitos, é única e predominante no que diz respeito à ampliação da sociabilidade, proporcionando às pessoas portadoras de transtorno mental a afetividade e bem-estar físico e mental.

Por isso, não se pode desvincular o indivíduo do meio em que está vivendo, uma vez que a sua própria família seja capaz de acautelar, aceitar e corrigir os problemas de saúde dele, da mesma forma que não se deve separar a doença da condição familiar. A família serve como elo para ajudar, junto à equipe de saúde, a promover a recuperação e a reabilitação desses indivíduos que precisam de uma atenção toda especial.²⁰

No entanto, a interação entre família e usuário ainda é um pouco difícil, sendo relevante que serviços de saúde mental invistam em novos métodos de cuidado que facilitem esta relação, e ao mesmo tempo, aumentem a qualidade de vida destes indivíduos por proporcionar conforto emocional, não só para os usuários como também para os familiares, para que eles aprendam a conviver com as diferenças, no que diz respeito à doença mental.²¹

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A assistência ao portador de sofrimento psíquico antes da Reforma Psiquiátrica deu-se através de uma prática exploradora e excludente, portanto, a nova abordagem à Saúde Mental tem possibilitado, a este, ser visto a partir de novos paradigmas em busca da reabilitação psicossocial, através da consolidação de práticas inovadoras, as quais possibilitam o acesso dos usuários aos serviços substitutivos de saúde mental e a sua reinserção.

Para isso, a musicoterapia mostrou-se eficaz como instrumento de cuidado na saúde mental por fazer emergir o resgate da autoestima, da autonomia e a melhoria na reintegração familiar e social. Identificando assim, a partir desse projeto terapêutico uma

assistência de melhor qualidade, visto os benefícios trazidos ao usuário, como: redução da ansiedade, momentos de felicidade, de emoções positivas, e mais vontade de viver, colaborando, assim, para reinserção social e reabilitação desses usuários, quebrando regras e estigmas, mesmo com todos os avanços da Reforma Psiquiátrica.

A terapia com músicas tem oferecido aos usuários do CAPS que participaram deste estudo, a oportunidade de uma vida digna e com qualidade diante da sociedade, por ser uma estratégia de cuidado que interfere na saúde desses indivíduos, mas também, nas relações familiares, pois ao participar da “Banda Doidos por Forró” os usuários se sentiram úteis e independentes, capazes de tomar decisões e executar tarefas, aumentando assim, sua autonomia e autoestima, a sensação de pertença social, o alívio da dor, a descontração e inserção nos espaços comunitários.

Desse modo, espera-se que a liberdade e a autonomia pessoal sejam capazes de servir como fundamentos básicos e éticos que, uma vez explicados, poderão contribuir para novas mudanças nas práticas de cuidados, sendo preservados os padrões habituais da reforma psiquiátrica com mais práticas inovadoras, mudanças essas que consigam ir além dos “muros manicomiais”.

Assim, através dos resultados desse estudo, foi possível identificar novos caminhos para as transformações sociais na saúde mental, os quais poderão ajudar no aperfeiçoamento dos profissionais que atuam no CAPS, na medida em que direciona um olhar para a otimização de novas práticas, além de servir como base de dados para pesquisas futuras, sendo possível destacar a musicoterapia como possibilitadora da melhoria da qualidade de vida dos usuários.

REFERÊNCIAS

1. Brasil. MS. Saúde Mental no SUS: Centro de Atenção Psicossocial. Brasília: MS; 2004.
2. Amarante P (coord.). Loucos pela vida: a trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil. 2th ed. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2010.
3. Camatta MW, Nasi C, Adamoli NA, Kantorski LP, Schneider JF. Avaliação de um Centro de Atenção Psicossocial: o olhar da família. Ciênc. saúde coletiva [Internet] 2011 Jan [cited 2013 Jan 10];16(11):4405-14. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232011001200013&script=sci_arttext
4. Brasil. MS. Reforma Psiquiátrica e Política de Saúde Mental no Brasil. Brasília; 2005.

5. Valderline J, Durman S. Espaço música no trabalho: benefício para a saúde mental. Cascavel (PR): UNIOESTE; 2010.
6. Backes DS, Ddine SC, Oliveira CL, Backes MTS. Música: terapia complementar no processo de humanização de um CTI. Rev. Nursing [Internet]. 2003 Nov [cited 2013 Nov 10];66(6):35-42. Available from: <http://www.nursing.com.br/paper.php?p=156>
7. Bardin L. Análise de Conteúdo. 3rd ed. Lisboa: Edição 70; 2009.
8. Zanotti SV, Oliveira AAS, Bastos JA, Silva WVN. Jornal do CAPS: Construção de histórias em oficinas terapêuticas. Psico (Porto Alegre) [Internet]. 2010 [cited 2013 Nov 10];41(2):278-84. Available from: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/viewFile/5737/5325>
9. Souza FPS, Santos MC. O Corpo na Música, a Música no Corpo: a comunidade em um processo de integração. Rev Eletrônica Extens [Internet]. 2009 [cited 2013 Nov 10];6(7):110-6. Available from: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/extensio/article/view/1807-0221.2009v6n7p110/10433>
10. Bandeira CM, Hutz CS. As Aplicações do Bullying na Auto-estima de Adolescentes. Psicol Esc Educ (Impr.) 2010 Jan/June; 14(1):131-8.
11. Coqueiro NF, Vieira FRR, Freitas MMC. Arteterapia como Dispositivo Terapêutico em Saúde Mental. Acta paul. enferm. [Internet]. 2010 Apr [cited 2013 Nov 10];23(6):859-62. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/ape/v23n6/22.pdf>
12. Bergold LB, Alvim NAT. A música terapêutica como uma tecnologia aplicada ao cuidado e ao ensino de enfermagem. Esc. Anna Nery Rev. Enferm [Internet]. 2009 July/Sept. [cited 2013 Nov 10]; 13(3):537-42. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/ean/v13n3/v13n3a12.pdf>
13. Gavin ROS, Oliveira MHP, Gherardi-Donato ECS. Terapias Alternativas Complementares: uma visão do conhecimento dos acadêmicos de enfermagem. Ciênc cuid saúde [Internet]. 2010 Oct/Dec [cited 2013 Jan 10];9(4):760-5. Available from: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CienCuidSaude/article/view/13827/7195>
14. Menezes F, Costa FC. A Música como Veículo Expressivo: contribuições a partir da reflexão filosófica e das pesquisas em psicologia. Cadernos do Colóquio UNIRIO. 2009;10(2):185-94.
15. Todres ID. Música é Remédio para o Coração. J pediatr (Rio J.) [Internet]. 2006 May/June [cited 2013 Jan 10];82(3):166-8.

Available from:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-75572006000300002

16. Taets GG de Cunto, Barcellos LRM. Música no Cotidiano de Cuidar: um recurso terapêutico para enfermagem. Rev pesqui cuid fundam (Online) [Internet]. 2010 [cited 2013 Jan 10];2(3):1009-16. Available from: <http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IscScript=iah/iah.xis&src=google&base=BDENF&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=22109&indexSearch=ID>
17. Azevedo EB, Ferreira Filha MO, Silva PMC, Faustino EB, Araruna MHM, Barros WPS. Interdisciplinaridade: Fortalecendo a Rede de Cuidado em Saúde Mental. J Nurs UFPE on line. [Internet]. 2012 May [cited 2013 Jan 10];6(5):962-7. Available from: <http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/view/2407/pdf/1195>
18. Bielemann VLM, Kantorski LP, Borges LR, Chiavagatti FG, Willrich JQ, Souza AS, et al. A Inserção da Família no Centro de Atenção Psicossocial sob a Ótica de seus Atores Sociais. Texto & contexto enferm. [Internet]. 2009 [cited 2013 Jan 10];18(1):131-9. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072009000100016
19. Pitta AMF, (org.). Reabilitação psicossocial no Brasil. 2th ed. São Paulo (SP): Hucitec; 2001.
20. Kaplan HI, Sadock BJ, Grebb JA. Compêndio de psiquiatria clínica. 9th ed. Porto Alegre (RS): Artes Médicas; 2007.
21. Leite KFS, Sajioro ALC, Monteiro JCS, Scatena MCM. A enfermagem psiquiátrica frente à reabilitação psicossocial. In: 2º Fórum Mineiro de Enfermagem - Pesquisar Para Caminhar. Anais; 2000. Uberlândia (MG): UFU; 2000.

Submissão: 09/05/2012

Aceito: 16/04/2013

Publicado: 01/12/2013

Correspondência

Lorena de Farias Pimentel Costa
 Universidade Federal da Paraíba/UFPB
 Bairro Cidade Universitária
 CEP: 58051-900 – João Pessoa (PB), Brasil